

UM HOMEM

M 565
Leitura m = 7

Um homem triste, magro e ma-
duro, está na calçada, e sua jo-
vem e linda amada está na praia.
está no mar. Vestido de escuro,
com sapatos pretos, ele não ousa
descer à areia; sentir-se-ia ridícu-
lo como um corvo, entre a clara
e moça gente descalça e desnuda
que salta atrás da peteca ou da bo-
la, que avança para receber no
peito o baque da onda — ou que
apenas, de olhos semi-cerrados, fi-
ca deitada ao sol.

Passa um menino vendendo la-
ranjas, e ele está com sede, mas
não ousa comprar uma; sua na-
morada pode vê-lo, e então ele fi-
caria sem jeito por estar chupando
uma laranja, assim na calçada —
afinal de contas na rua — vestido
como um senhor que anda na rua.

Entretanto a moça não o vê; es-
tá sentada na areia, lá longe, con-
versando com a prima; de vez em
quando apanha um punhado de
areia, depois a deixa escoar entre
os dedos enquanto fala; às vezes ri
devagarinho, ou move a cabeça.
Que estará dizendo? Uma suspeita
péssima invade, lentamente, o pei-
to do homem vestido de escuro, de
sapato preto: ela está falando dê-
le com a prima, caçoando de seu
amor de homem casado por moça
solteira, de seus galanteios meio
antiquados, de sua tristeza, de sua
angústia. Talvez esteja dizendo:
"aquêlle velho bobo"; entretanto,
a diferença é apenas de 11 anos,
vamos dizer, 12, mas vamos e ve-
nhamos, não é diferença tão gran-
de assim de homem para mulher.
O pior é que ele se sente perfei-
tamente moço, apenas o que lhe dá
sensação de velhice é exatamente
aquêlle seu amor por aquela moça,
aquela moça com seu jeito mais
sólto e tão engraçado, meio absur-
do de dizer e fazer as coisas, sim,
bem diferente das moças de Curi-
tiba há dez anos atrás, pensa o
homem.

"Ela acha graça no que eu acho
tôlo, acha tôlo o que eu acho gra-
ve", pensa ele, sentindo calor nos
pés apertados dentro dos sapatos
pretos, sentindo calor na cabeça
onde a calvície começa a marchar
para trás, na roupa escura.

Por que não veio de calção?
Terve pudor de seu corpo muito
branco entre aquela gente queima-
da de sol; deveria vir à praia só-
zinho alguns dias, para depois en-
contrá-la, mas talvez nem a isso
se animasse, sentindo-se quase ri-
dículo, em sua magreza, diante de
tantos rapazes atletas de tórax
triangular. Ela naturalmente have-
ria de preferir um desses moços
fortes e idiotas. Por que idiotas?
— perguntou a si mesmo o homem
de roupa bem escura, depois de
pensar essa palavra. Em princípio
não tinha o direito de julgar aquê-
les rapazes idiotas; era simples des-
peito.

De repente sentiu que o calor es-
tava ficando insuportável, e sua
tristeza muito pungente; era dolo-
roso estar ali olhando de longe
aquela moça de "maillot" azul que
conversava com a outra sem pen-
sar nêle, e que talvez risse se o
avistasse, risse de sua figura es-
cura, magra, lamentável. Ia pas-
sando um táxi, ele deu um grito,
o carro parou. Deu o endereço de
casa, encontrou a mulher ralhando
com uma criança, entrou tirando
o paletó:

— Hoje está um calor danado.

obscuro

3 8 M

7 2 M

obscuro

antiquado

10 M

15/4/52

R.B.

116